



ANETA do moleiro

CONTO
DE
OUTONO

VAZ
CRAVEIRO--1925,

bibRIA

bibRIA

18939

Reg. n° 00 8488

ROSA
A
NETA
DO
MOLEIRO
bibRIA



008488

CONTO
DE
OUTONO



LIVROS DE VAZ CRAVEIRO:

EDRO . Versos de Amor e Saudade MCMXXIV

A VIRGEM E A CARIDADE . Conto de Páscoa
Verso — MCMXXIV

A ROMARIA . Verso . MCMXXV

A NETA DO MOLEIRO . Prosa . Conto de Outono

A LENDA DA ROSA VERDE . Verso No prelo



bipRIA

NAZARIA:

PARA TI
POR BOA AMIZADE

EDUARDO

bibRIA

bibRIA

João Carlos, — escolar de Medicina — desenhou a
capa.

Cunha Barros, — o Ex-libris.*

bibRIA

189.40

REGISTO N.º 8488



VAZ CRAVEIRO

CONTO
DE
OUTONO

ROSA
A
NETA
DO
MOLEIRO

1925

bibRIA

NUM cantinho da encosta verdejante entre a colina e o Rio, à sombra duns álamos seculares, fica a *Azenha do ti Pedro*.

E' uma alegre cazita rectangular sempre caiada de novo, tendo à esquerda a grande roda de madeira alcatroada—escuro contraste à brancura das paredes cercadas por canteiros onde os malmequeres abrem o seu riso de leite à carícia do Sol que os beija, cedinho, logo ao amanhecer.

Pois à beira do caminho que vai na vereda das feiras, ao Arnal, mesmo de longe se escuta o caír da água nas penas e a fresca voz, em descantes, das alegres lavadeiras — roliças moçoilas que cantam pelo Outono quando os Poentes são roixos e macerados de tristeza, cantam ao Rio a soluçar—as endémicas canções dos Salgueirais.

E, lá na minha Terra, junto ao Rio, quem passar ao jardimzinho da Azenha donde o ar em volta rescende a mangerico e rosmaninho, não deixará de olhar, através uma pequena janela vi-

rada para o Sul, ao gracioso perfil duma trigueirita — rapariga de olhos negros côr do breu, — atento ao tecer num tear irmão mais novo dos álamos, fina teia de linho como espumas.

Se Ela é tão linda, de tês nazarena, com olheiras fundas da côr das nuvens ao Luar, a Rosa, — a Neta do Moleiro que o ano passado ainda era a mais alegre e traquina das môças e andou agora de mirrar... de mirrar... cheia dum ar de tristeza que mais linda a torna, — quem a não olha de todos que lá passem quer a caminho dos campos, quer de regresso prá vila?!

Era a mais alegre de todas mas desde certa festa, à Nossa Senhora das Dores, em que Ela andou de joelhos à roda da Capela, se até aí fôra a primeira nos arraiais sempre em descantes, sempre a dançar à porfia, desde então sem que ninguém saiba o motivo, Ela que era a única cachopa que falava e estimulava a todos de igual maneira, começou há um tempo de andar tão diferente... tão bisôinha... que já as mais raparigas vão dizendo à bôca miuda: — a Rosa trás rimance no coração... prá aí alguém na enloilára...

Dantes, quando Ela passava, era vê-la fazer às outras murmurar de inveja e aos môços olhando-A ciumentos quando, aos domingos, o Zé — filho do Morgado — a acompanhava à Igreja, Ela ataviada de novo, de compridas arrecadas e o seu

cordão de oiro em três voltas com um Cristo branco no peito — oferta que ao morrer lhe legára o Senhor Reitor — dir-se ia para guardar melhor aquele coraçãozinho feliz que não diferenciava em Amor — diziam — a ninguém. . .

Agora é raro vê-la na rua, e aos domingos lá está a sua ausência no cantinho do altar aonde ia sempre rezar piedosa e crente, ante o maravilhoso gótico do santo milagreiro.

Mas às vezes, sózinha, ao cair das Trindades — ânfora trigueira a caminho da fonte — á Hora violácea quando a derradeira luz se extingue — Ela vai ao campo de branco lenço a acenar às pombas — asas de saudade que já tardam a caminho do pombal.

E foi assim, que duma vez a encontramos a caminho da branca ermidinha da S.^{ra} da Légua, caminhando absorta também, à hora triste que ninguém lá vai, à hora em que o fumo branco dos lares se ergue com as orações dos crentes, sereno, em ascensão aos Céus.

Quanto se transformou! Ouvi dizer que já nem sequer acariciá os cravos vermelhos do canteiro pequenino, os quais mal sentiam o afago daquelas mãos trigueiritas — desmaiavam em aromas de vertigens às rosas — coitadas! . . . — que também há muito A não veem já. . .

Até o alecrim-do-norte, num vaso à beira da

janela do seu quarto — favorito que foi, de outróra — cresceu... cresceu .. tornou-se feio e pernalta.

E às vezes, horas mortas, quando o velho do Ti-Pedro, apoquentado pela asma, não pode ter-se na cama, vem encontra-la olhando absorta e fixamente a agua da corrente, que ao bater na roda em descanço, salta e ressalta no prado, como se fôra o écoar do riso das driadas, ondolando à frescura da noite, pela relva.

Ontem, quando exausto da caçada me sentei a tomar alento sobre uma velha mó musgosa e carcomida, quando ao saborear na paz bucólica da Azenha a morna quietitude da Hora invocava o Tempo em que o Avozinho me dizia — ò dôce Infância! — a história de certa moira que à meia-noite ali vinha, numa barca de prata, a ler ao Luar, no alcorão, enquanto as suas escravas dobavam em dobadoiras de jaspe os seus romances doirados, quando a minha Memória se transportava ao Passado, ... oh!... há já tanto que o não via e como está tão velho e branco o ti Moleiro?!... — Pensativo, cabisbaixo, as mãos rugosas nos bolsos das largas calças onde a farinha comera a primitiva côr, mais velho, muito mais velho do que nas outras férias — vem para mim o Ti-Pedro, acerca-se e diz-me supersticioso:

— “Eh menino! bem podera caçar-me mal áve

agoirenta que ao cabo da meia hora prá uma, à figueira grande vem piar todas as noites. E olhe que é o mesmo pio, agoireiro, a gelar-me a medula dos ossos, como há anos... quando da péste se me foi a família. Nesse tempo ainda eu era rijo pra sofrer tais desgostos, mas agora”...

—Deixe lá, homem! — olhe que — o que tiver de ser soará — lá como diz o ditado. Então que tem de empecilho, vir para aí alguma pobre coruja aos mosquitos?! Vocês, os velhos...

—“Sou velho, sôu: mas já o meu avô dizia que seu pai lhe tinha ensinado quando mal’ave pia a más horas — há morte ou desgraça perto”...

Ficara-se pensativo, olhos para o vago, absor-to como se a alma lhe pairasse, longe, a futurar.

Eu tentei distraí-lo, disse-lhe que não fizesse caso dessas antigas contadas, que Deus era grande e a sua misericórdia infinita...

—“Deus é grande e é bom! mas que mal lhe fiz eu, que pecado tive, para me deixar sózinho, agora trôpego e velho que já nem força tenho para quedar a roda?! Porque não me levou ainda a sua Bondade, poupando-me, para que eu não veja sem poder valer-lhe — à neta — meu único arrimo, a esmaiecer... e de maneira que não tardará em cair à cama... coitadinha?!”

E num tom de desalento, limpando ao punho da camisa listrada a testa rugosa, diz como a sonhar: — anda prá ali como étga — pobrezinha! Que

mal teria feito, sempre tão bôa, tão afeiçãoada para agora nem alegria ter?! Inda a outra noite de além, oh!... até se me parte o coração ao lembrar... Foi... ainda não sabe o remédio para aquilo?!... Lá nas Escolas Médicas»...

—Leve-a ao médico que a ausculte, pode ser...

—«Que médico! que médico!? Ontem levei-A ao sr. doutor seu Amigo, e quando saíu lá de dentro, da sala dos azulejos brancos... vinha a tremer... a tremer... que nem pranta mimosa quando lhe assopra o vento à raiz.

—E então?

—«Ao resto teve a coragem de me dizer, ali, na minha cara — que não era nada... que passaria mesmo sem nada!»

Nanja que eu a visse como a fôlha daquela laranjeira a melar-se... nunca mais chamava êsse doutor. Até lhe fiquei a ter a modos que mácrença... Quere ver quem o seu parente dizia que não tinha nada?! Olhe-A, além:

Perto, por momentos, enquanto o olhar alongava lá para as bandas da vila, envolto do manto da Tarde que descai, o vulto esguio e emmoleirado da Rosa, aparecendo, caminhando distraído, lembra um lírio branco cansado de sonhar.

E, lentamente, como que aspirando o hálito do astro moribundo, enquanto o cântico das fontes e das aves enchia o Ar em acordes suavíssimos

do hino à Noite que não tarda, como borboleta exausta, volvido um derradeiro olhar lá para as bandas do Povo, sem terem dado por nós, os maravilhosos olhos daquela que foi trigueirita com dezoito anos e que outróra como bôcas alegres tanto riam nos descantes e bailados, a pouco e pouco, silenciosamente, começaram a chorar...

Dos olhos azuis do Ti-Pedro e rolando às faces, vinham também, vaguirosas, descaído até encherem as rugas, lágrimas e tantas!... pobre velho!... daquelas que só brotam dos olhos dos velhinhos quando veem apartar-se-lhes da vida, o Vulto da única que há-de fechar-lhos e para sempre a quando da viagem para a Eternidade.

E enquanto eu comovido não sabia o que dizer, êle, em voz de criança que soluça—o velho do moleiro, vai dizendo:

—“Não tarda que se fine assim! anda tão amuada e melindrosa que até no domingo passado, dia dos meus anos, se calou às falas de casamento do Zé da Levada, cerimónia que se tinha apalavrado mal eles vieram ao mundo. Nem coragem de dizer que não, nem alma de dizer que sim. Só de soluços, vai de esconder a cara entre as mãos, e tôda a santa noite de joelhos, ali no junco, resando à Senhora dos Milagres, de tal modo, que até tive dó del a, pobrezinha..

Outubro ! meditativo Outubro ! ó último adeus às praias !

Lá vão as andorinhas, as negras avezitas que nasceram no meu beiral, ei-las, voando por sob o céu cheio doiro. Asas de Esperança ! foices em negro ! voai, voai que os pampos da minha Terra teem a voz dolorida como alaúdes tangendo.

Parti, que as virgens dos castelos moiros, da Legenda, já não veem aos parques ouvir vosso cantar!...

Voai. Se o céu de Portugal é tão triste, agora que os pinhais, na humilde voz de quem ora, começam de cantar em côro ao Rio que reza pelo Sol que vai morrer!...

Lá vai o Sol!... e que mistério não perpassa no silêncio augural do findar do Dia, à Hora pálida em que as fontes mal toam, e as noras já não cantam, andando... desandando, nos plainos da minha Terra?!...

Ah ! o Outubro, o meditativo Outubro, o mês de aureos topazios—como é coveiro de tantas ilusões?! E é tão triste ! Como é triste o morrer dos dias dêste Outubro triste ?!

O' Tardes da beira-Mar ! O' Tardes maceradas pelo choro dos desgraçados ! Tardes dos Poentes—de rubís e opalas, à Hora em que a Harmonia gesticula nos descarnados braços das tílias, dizei-me : Quem vos deu tanta carícia fluida, reza-deiras de saúdades ? Que de ignorado vos envolve para que tão bem me faleis assim ?

Tenho-vos na Memória, à hora em que lá passam apressados, na estrada, de regresso, enxada ao ombro, ranchos de malhadeiras contentes.

Parece que até as vejo, mesmo de aqui, soltando aos lábios frescos, descuidosas, as cantigas — para logo... oh! num íntimo receio, ei-las que vão caladas e medrosas como as rolitas do monte, também emmudecidas pelo afago do Sol — que já morreu. Passaram: e a voz vai a perder-se morrendo em eco pelos outeiros marginais ao Rio. Só lá ao longe como em soluços estrangulados da Tarde, o chocalho do rebanho mal se escuta já; e a avêna do pastor que trauteava alegre uma canção dos trigos, dorme e sonhará talvez, junto ao coração do pequenino zagal.

Até as águas da levada, de exaustas e medrosas que vão, quasi que nem murmuram sequer.

Calara-se o choro das noras e os talos e os grilos dir-se-ia que até hoje emudeceram também.

Desce sobre nós um vago manto de angústia, certo ignorado desejo que nos obriga a scismar. Que silêncio! Ouvem-se as trindades e... vagamente o sino na velha ermidinha tangendo em som - melancolia, faz ecoar em meu peito rítmicas e lentas as orações dos crentes por êsses lares além.

Já o Céu por sobre o Mar se encoberta de Cinzento e há poeira de sombras transfigurando as Coisas, e enquanto a Lua alva e plena, ergue serena no anilado dos Céus o seu rosto de encan-

tada, as rosas falam na voz dos perfumes, começam de sonhar alto os lírios do meu jardim e o luar cai sobre as rosas... caindo também em mim.

Que lindo vem hoje o Luar, diz um cégui-nho que passa! Oh! como bem o vejo na Alma beijando-ma em líquida chuva de prata!

Que lindo!... que lindo êle é!...

E caminhando sem bordão, parece que os sêcos olhos lhe veem a côr da Noitinha em magnólia azulada, para, na velha rabeca carcomida, seus magros dedos gemerem arrancando às cordas tocadas de saudade — evocativo, religioso, de lenda e amoroso, não sei que nocturno de Shumann...
BIBLIA

E o canto sobe, ondula, espraia-se... e vai de morrendo em morrendo, de soluço em soluço, numa mistura de lágrimas e sons, enchendo a Aragem que passa, enquanto no ar uma gaivota com azas em pétalas de estrelas, se paira como para que ouvir áquela alma iluminada, o gemer de tanto sonho da mocidade — tão longe!...

Como tocam tão bem estes Mendigos que passam, à Hora do Crepúsculo, errantes de terra em terra, esmolando o Pão de cada dia!...

O' vagabundos de estradas! Nos vossos pobres olhos de cegos, — quantas visões do Passado, quantos bailados, indecisos, dos Tempos que já lá vão?!...

E' que ser cego, não ver o Sol, as estrelas e o Mar—é ser artista da Sombra. Que de linhas são feitas as Coisas que vós sentis? O Invisível que vos cerca terá forma definida?

Ah!... como Ele toca tão bem, agora mais alto, alto, mais alto sempre para logo descer soluçando não sei que ignorada elevação, que vem acordar em mim um adormecido e inexplicável desejo de chorar. E lá vai, lá vai:—os restos dos cabelos brancos flutuam a aragem da Tardinha; e o seu corpo baloiça-se às ondulações do arco, que, subitamente parou de soluçar.

Que morna quietitude! Pelos casais, de certo, os crentes erguem as suas orações a Deus.

E o Silêncio para: mas, lentamente, lá do longe, vai-se distinguindo um ruído de vozes, que a pouco e pouco se define. Já vultos passam apressados, corre o povoleu e o mulherio sempre curioso vem a espreitar ás portas, e... oh!—eu nunca mais esqueço por muitos anos que viva aqueles gritos agudos que vieram lá de cima, das bandas do Hospital.

Inda me lembro como a ti Ana da Venda me contou o sucedido, persinando-se três vezes, quando ansioso a escutava.

—Ai Senhor!—que desgraça, que grande desgraça! Agora mesmo—foi na minha loja; artes do demonio, como aquilo foi! Sabe?!—o Sapateiro, conhece?!—e o Zé da Levada, muito de

bem a bebericarem. De repente — valha-me Deus! — não sei o que o outro lhe disse, vi o Zé mudar de côr e dizer-lhe afoitamente: — Isso é mentira! isso é mentira!... O outro pôs-se a rir e vai de dizer-lhe: — Tamem eu não lhe quero menos do que tu, mas olha que eu vi, vi a Rosa na... Não sei como foi aquilo. Vi o Zé tapar-lhe a bôca com as mãos, para logo o olhar já no chão parecendo uma bica de sangue. Que desgraça, e um morgado como ele era...

E assim a ti Ana contára, a mesma coisa, sempre, a cada um que passava.

A vila era num reboço. Correu de bôca em bôca de que o Zé Sapateiro abocanhára na Venda a honra do mais honrado dos moleiros, que para mais o enxovalhar espetára a faca do ofício nas tripas do morgado, e já todos, velhos e môços largam á cata do assassino que vai fugindo à ré-dea solta em direcção ao Pinhal.

Deixemo-los. Que a justiça de Deus seja com êles.

Das altas torres da Igreja da minha Terra, os sinos anunciam tocando maguadamente, que alguém precisa do auxílio do Céu para bem morrer.

E à minha porta, ao som da campainha tilintando, apressado, passa o Senhor Reitor abrigado pela umbela de demasco roixo, que vai apressadamente, à luz das lanternas de prata, levar a Extrema Unção para Alguém.

Pela estrada fóra tôdas as janelas—mesmo as dos pobrezinhos—teem luzes nas vidraças e às portas as velhinhas e as crianças ajoelham e rezam à passagem do Senhor.

Então, o cântico do Bendito entoado pela voz forte dos pescadores acompanhando numa mística harmonia ao mulhierio que vai, lembra ao povo que rezê para que Deus tenha misericórdia da alma que em breve deixará a Terra.

E o sino, ainda maguadamente, lá do alto da Torre da Igreja, anuncia, anuncia sempre, que alguém está prestes a morrer.

Entremos também. Num grande leito que esperava uns noivos, a froixa luz duma lamparina de azeite que foca as personagens num amarelo escurecido de bronze, o Zé da Levada, o mais valente e leal dos morgados,—o que estivera para ser o noivo da nossa trigueirita que tece no tear velhinho da Azenha,—contorce-se nas vascas duma agonia certa.

Dentre a brancura dos largos lençóis de linho, o seu rosto tismado do sol dos estios, tem já a lividez dum cadaver.

Vela-o a Mãe, santa velhinha, que mostra os cabelos em estrigas de jaspe que a dobadôra do tempo há muito já fiara, vela-o e—cautela!—que ninguém a acorde pois deixai-a rezar chorando a implorar um milagre ao Cristo da Agonia.

A pincelada de luz esmorece. Do alto do es-

paldar do antigo leito, o marfim velho do mártir do Calvário esparge não sei que aureola que me inebria e aterra.

Desvio o olhar. Vejo o moleiro que de barrete na mão o torce inconscientemente, calado, sem uma lágrima nos olhos verdes de limo.

Desde há horas os seus raros cabelos tornaram-se mais brancos, não fala; mas dos seus lábios emudecidos vem vibrar-me aos ouvidos os receios de — mal'ave agoirenta, que à meia hora vinha piar, piar tôdas as noites à excomungada da figueira grande.

A luz esmorece de todo. Pela janela esguia, atravessando os vidros, o Luar vai desenhar na brancura da parede os braços duma cruz.

E o Luar caminha; vem de mansinho, não quer despertar a velha, não vá magoar o moribundo — porisso vem cauteloso e de mansinho, em leveza vai subindo... passa para o leito, cobre-lhe os pés, cresce mais, passa-lhe ao peito, beija-lhe a boca, cerra-lhe os olhos e — sinistra Aparição! — a Lua Nova com a sua foice de morte veio mostrar-se nos vidros da janela.

Sons de alem tímulo, murmúrio de Voz num hálito de pétala que morre, a boca do Zé agita-se a dizer:

— Rosa!... tu não vens?!... olha como a luz do Sol hoje é tão branda!... não vens?... lá espero por ti... amor... amor...

E o Luar subindo sempre afaga enrolando-se agora nos pés do Nazareno; e dos cravos de prata sobre o marfim envelhecido, de certo que jorra o sangue do Amor e Redenção. Pobre enamorado da Levada! não chegas a ver o Sol!...

E' madrugada: lá foi a extrema unção da sciencia, a última injeccção de sôro. Deixemos o leito aonde a Morte já canta.

A caminho de casa, meu primo, o Dr. diz-me: —sabes?!

—Sei, que o Zé morre.

—Não é isso?! Prepara-te que brevemente serás padrinho.

—Tu?!

—Sim, qualquer dia serei Pai.

—Ora! brincadeiras!...

—Não. Olha: escuta que é segredo: A Rosa... a Neta do Moleiro...

Vai ser Mãe...

LENDA

Coimbra—

Carnaval MCMXXIV

VAZ

CRAVEIRO

bib**RIA**

bibRIA

Tip. Casa Minerva – ÍLHAVO-1925.